

# CINDERELA



Irmãos Grimm

## **BIBLIOLIBRAS**

Biblioteca Infantil e Juvenil bilíngue Libras Português

### **Coordenação editorial**

Maria de Regino

### **Adaptação e Preparação dos textos**

Maria de Regino

### **Ilustrações**

Maria de Regino

### **Design de Capa**

Nathan Milke

### **Produção**

Pablo Regino

### **Diagramação e editoração eletrônica**

Luciana Sotero / Nathan Milke

**Goiânia, 2024**



[www.bibliolibras.com.br](http://www.bibliolibras.com.br)

Apoio:

**mostraê**



Apresentação:



**SECULT**  
Secretaria de Estado  
da Cultura



Este projeto foi contemplado pelo Edital de Formento aos Museus, Arquivos e Bibliotecas do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás de 2023



Era uma vez um homem rico que se casou com uma boa mulher. Os dois viviam felizes e tiveram uma linda filha. Um dia, porém, a esposa adoeceu gravemente. Pouco antes de morrer, a mãe chamou a menina e disse:

— Seja boa e gentil com todos. Mesmo distante, não se esqueça, eu sempre vou cuidar de você.

Todos os dias a menina ia ao túmulo da mãe, onde chorava de saudade e prometia ser boa e gentil, como sua mãe havia pedido. Um ano depois, o homem conheceu uma viúva que tinha duas filhas, e resolveu se casar.

A mulher era muito bonita e suas filhas, além da beleza, tinham herdado o coração duro e a arrogância de sua mãe.

Depois do casamento, a madrasta obrigou a enteada a trabalhar duramente, deixando para ela os serviços mais sujos e pesados. Quando terminava o serviço da casa, a pobre moça se deitava junto à lareira, pois a madrasta havia mudado sua cama para um quarto muito frio. Como a roupa da menina ficava toda suja de cinzas, as irmãs começaram a zombar dela, chamando-a de “Cinderela”, a cinzenta. No entanto, mesmo suja e

malvestida, ela era muito mais bonita que as irmãs.

Um dia o pai foi viajar para outra cidade e perguntou às filhas o que elas queriam que ele lhes trouxesse de presente. A primeira pediu um vestido, a segunda uma joia, e quando foi a vez de Cinderela, ela pediu ao pai:

— Quero o primeiro ramo que tocar o seu chapéu.

O pai comprou os presentes pedidos pelas enteadas e, para Cinderela, trouxe o ramo verde de uma grande aveleira que havia roçado o seu chapéu. A menina plantou o ramo junto ao túmulo de sua

mãe e regava todos os dias a plantinha, com água limpa e com suas lágrimas. O ramo cresceu e se transformou em uma linda árvore, com galhos altos, onde os pássaros vinham fazer seus ninhos. Era debaixo dessa aveleira que Cinderela chorava quando a maltratavam.

Um dia, o rei mandou um convite para todas as moças do reino. Daria três grandes bailes, para que seu filho escolhesse uma noiva. As duas irmãs só pensavam nos bailes, certas de que uma delas seria escolhida pelo príncipe. Cinderela disse que também queria ir à festa do rei, mas a madrasta e as irmãs

riram dela, dizendo que suja como era não poderia ir ao palácio.

Tanto a menina chorou e insistiu para ir com as irmãs ao baile, que a madrasta jogou uma tigela de lentilhas nas cinzas do fogão e disse que se ela conseguisse catar todas as lentilhas em duas horas, poderia ir ao baile. Cinderela foi chorar debaixo de sua árvore, pois sabia que não conseguiria cumprir aquela tarefa.

As rolinhas que tinham seus ninhos na aveleira, ouviram o lamento de Cinderela, voaram até a cozinha e começaram a catar as lentilhas, fazendo com que voltassem todas para a tigela. A

madrasta ficou furiosa. Jogou fora as lentilhas e disse a Cinderela que, de qualquer forma, ela não poderia ir ao baile, pois não tinha roupas apropriadas e nem sapatos. Além do mais, era uma menina imunda. Como iria ao baile com o cabelo todo embaraçado e a fuligem do fogão entranhada em sua pele e em suas unhas?

No dia do baile, Cinderela viu a madrasta e as irmãs saírem em uma bela carruagem e foi chorar debaixo da aveleira. Então ela ouviu uma voz que vinha das folhas, dizendo.

— Vá se lavar e penteie o seu cabelo.

Cinderela obedeceu. Depois de limpa e penteada, voltou para junto da árvore e disse que queria muito ter um vestido para ir ao baile. As folhas perguntaram:

— De que cor?

— Da cor do brilho das estrelas.

As folhas estremeceram, como se agitadas pelo vento, e Cinderela viu pendurado no galho mais baixo da aveleira um lindo vestido de baile e um par de sapatos de seda. A menina agradeceu à aveleira e correu para experimentar o esplêndido vestido que brilhava como as estrelas. Iria à festa no palácio do rei vestida como uma princesa.

Assim que chegou ao salão de baile, todos a receberam com gentileza. As pessoas perguntavam quem seria aquela bela jovem e como ninguém a conhecia, começaram a dizer que ela seria, certamente, uma princesa estrangeira. O príncipe, quando a viu, caminhou em sua direção e convidou-a para dançar. Enquanto dançavam, todos admiravam o lindo casal e elogiavam a beleza da princesa misteriosa.

O príncipe, que não saía de perto dela, fez Cinderela prometer que só dançaria com ele. Pouco antes da meia noite, aproveitando um momento de

distração do príncipe, ela voltou correndo para casa. O príncipe correu atrás dela, mas não conseguiu alcançá-la e voltou sozinho para o palácio. Sua esperança era que a misteriosa jovem fosse ao segundo baile.

Cinderela, que havia se escondido em um pombal para fugir do príncipe, voltou para casa, vestiu suas pobres roupas e devolveu o vestido de baile e os sapatos aos galhos da aveleira. Depois, ela se deitou junto ao calor do fogo da lareira e dormiu.

De manhã, quando acordaram, as irmãs contaram que o príncipe havia

dançado com uma linda princesa estrangeira e descreveram a beleza do vestido da moça misteriosa, que havia deixado o baile antes da meia noite, depois de dançar com o príncipe.

No dia seguinte, Cinderela ajudou suas irmãs a se arrumarem para o segundo baile. Assim que a madrasta e suas filhas seguiram de carruagem para o palácio, a menina foi até a aveleira e pediu que a árvore lhe desse outro vestido. As folhas perguntaram:

— De que cor?

— Da cor do brilho da Lua.

As folhas se agitaram e, no galho mais baixo da aveleira, apareceu um vestido da cor da Lua e um par de sapatos prateados. Cinderela agradeceu, vestiu o esplêndido vestido, calçou os sapatos e foi para o palácio. O príncipe a esperava, ansioso, na entrada do salão. Assim que viu chegar a jovem, vestida com o belíssimo vestido, brilhante como a Lua cheia, ele a convidou para dançar.

Quando se aproximou a meia-noite, Cinderela esperou uma pequena distração do príncipe e fugiu pouco antes de o relógio da torre do palácio bater as doze badaladas. O príncipe correu atrás

da misteriosa moça, mas não a encontrou e voltou desolado para o palácio.

Na terceira noite, tudo aconteceu como antes e, assim que a madrasta e as irmãs seguiram para o palácio de carruagem, Cinderela pediu à aveleira mais um vestido, garantindo que seria a última vez que faria um pedido como aquele. As folhas perguntaram:

— De que cor?

— Da cor do brilho da Sol.

As folhas da aveleira se agitaram e, no galho mais baixo da árvore, surgiu um vestido dourado, que brilhava como o sol. Era tão lindo o vestido que ela quase

não teve coragem de tocar em seu precioso tecido. Os sapatos eram feitos de fios de ouro e brilhavam tanto quanto o belíssimo vestido. Cinderela agradeceu e, esplendidamente vestida, dirigiu-se ao palácio do rei.

O príncipe aguardava ansioso a chegada da misteriosa princesa e dizia a si mesmo que, daquela vez, não a deixaria escapar. Dançaram juntos todas as danças, mas quando o relógio começou a bater as doze badaladas da meia-noite, Cinderela fugiu sem que o príncipe conseguisse detê-la.

Daquela vez, porém, o príncipe havia preparado uma armadilha para descobrir quem era a bela jovem por quem se apaixonara. Mandou seus criados passarem piche nos degraus da escadaria do palácio e, assim, quando Cinderela desceu correndo as escadas, um de seus sapatos ficou preso no piche. O príncipe pegou o sapato, limpou o piche e viu que ele era feito com delicados fios de ouro.

Naquela noite, o príncipe não dormiu, pensando na bela e misteriosa jovem. De manhã, bem cedo, ordenou que seus arautos fizessem uma proclamação. O príncipe se casaria com

a dona do pé que servisse no sapato perdido no baile.

Todas as moças do reino estavam ansiosas para experimentar o sapato, mas ele era muito pequeno e delicado, não servia no pé de ninguém. As irmãs de Cinderela também experimentaram o sapato. Uma delas cortou um pedaço do calcanhar, para que o pé pudesse entrar no sapatinho, mas o príncipe viu o sangue e rejeitou a moça. A outra irmã cortou a ponta do dedão para que o sapatinho servisse em seu pé, mas o príncipe, ao ver o sangue, também a

rejeitou e perguntou se havia alguma outra moça morando naquela casa.

A madrasta respondeu que havia somente uma garota muito suja, que todos chamavam de “Cinderela”. O príncipe insistiu para experimentar o sapatinho no pé da moça e foram encontrá-la na cozinha.

Quando ela experimentou o sapatinho de ouro, todos viram que serviu perfeitamente no delicado pé da menina. O príncipe, muito feliz, levou Cinderela para o palácio e, alguns dias depois, eles se casaram em meio a grandes festas.

## Sobre a autora:

Maria de Regino nasceu no Rio de Janeiro, viveu em São Paulo, Minas Gerais, e hoje mora em Goiás, em uma chácara pequena, onde desenha e escreve seus livros.

“Gosto de escrever histórias fantásticas, onde predomina o insólito e o inesperado, pois acho que a vida não é só isso que os nossos olhos podem ver. E faz parte do ofício do escritor apontar os mistérios que flutuam entre o céu e a terra”.

*Maria de Regino*

<http://www.mariadereginoc.com.br>

**Acesse:** [www.bibliolibras.com.br](http://www.bibliolibras.com.br) Para ver a versão desse conto em videolivro.

Cinderela - bibliolibras